

FERNANDO FIORESE

I

**N**o mais das vezes, eu confesso, entro  
em sala sem o que dizer acerca  
de matéria tão avessa ao centro  
com que a cátedra, suas tantas cercas,  
confrange o que não apenas se faz,  
mas se quer à margem, fora do eixo  
– e ri se lhe emprestam algum cartaz  
ou cismam, mão enterrada no queixo,  
desvelar um enigma que não há;  
pois é do poema se entregar inteiro,  
sem pudores, negaças ou quiçá:  
um corpo que, em si, ensina o outro,  
sem precisar de código ou roteiro  
– e muito menos de um sujeito douto.

II

**U**rge que diga, sem o menor pejo,  
coisa que sabe mas não ousa o poeta,  
humano por demais em seu ensejo  
de esconder tudo quanto o desconcerta,

de dar como cabal a *brutta copia*  
e à canhota os deméritos da destra.  
Também se gaba de ter sob custódia  
todo o sentido com que o verbo adestra.

Sem qualquer metafísica, no entanto,  
diga-se que não é o poeta senhor  
do que escreve – mais alta é a linguagem,

agulha que costura todo canto  
com as linhas do cálculo e do error,  
sem ocultar os avessos do traje.

### III

**T**ambém o poeta enfeza, todo merda  
nas tripas e nos textos; também mija,  
arrota, ronca, trepa; também herda  
as dívidas e as taras da família;  
também ele tem contas a pagar  
(metáforas não bastam para tanto)  
e alguns que até gostava de matar;  
também ignora o que seja abascanto,  
joga conversa fora, troca as bolas  
ou os pés pelas mãos; também se imola  
nas vezes em que o espelho espreita nu;  
também o poeta, esse deus com cu,  
vai do sublime à escatologia  
– e morre tal qualquer um, sem poesia.

### IV

**U**m eu é pouco. Muitos eus, ao modo  
de Pessoa, trabalhoso por demais:  
para as *personae* e mapas astrais,  
precisa tempo, engenho, denodo,

coisas que andam em falta num mercado  
tão afeito a pastiche, citação  
e outros inventos dados, sem demão.  
Um eu é chão. Muitos, quase um tratado.

Resta, então, rasurar sua rubrica,  
no *lyrisches Ich* pôr ponto final,  
tocar o caos que o acaso tem dentro,

e tirar de onde tudo contraindica  
uma palavra anônima e plural,  
ruína que afronta todo monumento.

### SOBRE O AUTOR

Fernando Fiorese tem publicados *Um chão de presas fáceis* (romance, 2015), *Aconselho-te crueldade* (contos, 2010), *Um dia, o trem* (poemas, 2008), *Dicionário mínimo: poemas em prosa* (2003), *Murilo na cidade: os horizontes portáteis do mito* (ensaio, 2003), *Corpo portátil: 1986-2000* (reunião poética, 2002) e *Trem e cinema: Buster Keaton on the railroad* (ensaio, 1998). Poemas, contos e ensaios de sua autoria figuram em periódicos e antologias publicados no Brasil e no exterior (Argentina, Espanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça). É professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.